

A ESCRITA EM TROCA DA ORALIDADE: O FACEBOOK COMO UM ARRANJO SOCIAL ATUAL E SUAS IMPLICAÇÕES SOBRE O PARTICULAR

Taíse Alves Moreira¹

Orientador: Washington Drummond

Resumo: O presente artigo visa apresentar para a comunidade acadêmica como se desdobraria o processo de valorização simbólica nas redes sociais virtuais, devido à troca do contato físico pelo contato virtual, mesmo que o resultado de certas práticas (como o compartilhamento de conteúdo poético) resulte em sensações semelhantes a aquelas percebidas presencialmente: ou seja, re-significações conceituais implicando nas performances e recepções nas relações interpessoais. Com um levantamento teórico consistente, composto por autores ímpares nos estudos aqui apontados, o trabalho está no estágio inicial voltado para captação de leituras direcionadas para tal finalidade.

Palavras-chave: redes sociais virtuais; performance; recepção

INTRODUÇÃO

Fazemos pesquisas o tempo todo, pois é própria do ser humano (ou nos impõe a consumirmos essa máxima) a busca por novidades que supram as nossas necessidades; todavia, o trabalho de pesquisa para qualquer pessoa que se dedique a área necessita além da busca por respostas que esvaziem as lacunas abertas por questionamentos gerados em discussões requer uma grande dose de rigorosidade técnica, a fim de que não passe de uma pesquisa empírica.

Referindo-me ao trabalho de pesquisa na pós-crítica sinto que o processo de decomposição do objeto proposto se iniciou no instante em que, perguntas foram realizadas, novas pistas foram encontradas e principalmente, quando foi aberto um caminho diante de olhos anteriormente cegos por concepções fechadas oriundas de um pensamento cartesiano.

Ao passo que outras leituras se juntaram para trabalharem em prol da quebra de paradigmas e que rizomas foram encontrados no meio de uma confusão de ideias desordenadas, tais pistas se evidenciaram e começaram a fazer sentido; aliás, a busca por novos sentidos, aqueles que não são vistos facilmente pela maioria se reporta como a função do crítico cultural. Mas, separar o todo em partes menores, provavelmente tenha sido o momento mais angustiante, visto que ainda não estava preparada para colocar em xeque aquilo que eu mesma propus como objeto de análise.

No momento em que me foram apresentados autores que também passaram pelo crivo da pesquisa notei que existiam formas de estudo que permitem senão a resolução das dúvidas, pelo

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural do Departamento de Educação – UNEB-Campus II – Alagoinhas BA.

menos um norte para o início do caminho da desconstrução, reconstrução e enfim, para vários desdobramentos permitidos pela linguagem humana, seus signos, seus significantes e seus significados.

Para que isso ocorresse foi necessário compreender que existe algo a mais entre a fronteira do real e do imaginário: o simbólico; extrair esse primeiro critério foi sair da ordem cronológica, diacrônica e/ou sequencial como geralmente encontramos as coisas. Foi colocando em movimento uma combinação de elementos que faziam parte de uma estrutura mental apresentada no projeto inicial que percebi que ao realizar esses deslocamentos, outros significados emergiam à cena.

Nesse ponto, a compreensão da importância de um método de pesquisa se fez primordial para o andamento das leituras, pois fica mais claro o processo de fazer pesquisa ao perceber que para o estudo do sujeito em questão é necessária uma coordenação metodológica.

O que tento apresentar com essas colocações é que ao procurar por respostas dentro desse futuro trabalho, ao mergulhá-lo nas águas de Derrida (2001) deixando emergir os resíduos e ao lê-los como Ginzburg (1990) compreendi que o anteprojeto da maneira que hoje se encontra representaria inicialmente um pensamento superficial sobre o tema (o senso comum). Logo, o método proposto seria o do desconstrutivismo (Derrida), visto que, nesse momento para chegar ao centro do problema se faz necessário todo um trabalho re-significação das coisas que foram nomeadas pelo homem, ou seja, uma atualização de conceitos. Afinal estamos nessa pós-modernidade ou contemporaneidade.

A DEFINIÇÃO DE UM PROBLEMA E SEUS POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS

De tal maneira, o local de pesquisa/observação do anteprojeto mencionado no título seria a rede social denominada Facebook, pelo fato de que é atualmente uma das maiores redes de comunicação virtual utilizada no mundo (segundo informações da própria mídia), gratuita, criada por norte-americanos e que no Brasil está proporcionando aplicabilidades sociais que, por vezes condicionariam o comportamento das pessoas no instante em que, repetem ações de maneira impulsiva. Além da possibilidade de observá-lo como um dispositivo de poder (AGAMBEN, 2009) que influenciaria sobre as performances e recepções do corpo visualizadas normalmente no contato presencial.

O ato da oralidade é adaptado nesse espaço pelo processo da escrita: o questionamento é aberto quando se indaga sobre como se processariam as performances e recepções do corpo (ZUMTHOR, 2007) emanadas pela propagação da voz no contato presencial nesse mundo virtualizado

que estaria provocando o isolamento das pessoas, inclusive daqueles participantes de grandes comunidades, que compartilham gostos, pensamentos e ideologias análogas.

Justifico o motivo pela escolha do tema por observar o surgimento e a propagação das comunidades virtuais que apresentam uma proposta de aproximação de pessoas geograficamente separadas, mas que excluiria, em um primeiro momento, a prática de costumes orais, o que requisitaria leituras sobre o conceito de culturas e tradições sob novas roupagens.

Assim, após ter conseguido problematizar o tema a partir da utilização preliminar de um método ratifico que a proposta de estudo seria o de apresentar para a comunidade acadêmica como se desdobraria o processo de valorização simbólica nas redes sociais, devido à troca do contato físico pelo contato virtual, mesmo que o resultado de certas práticas (como o compartilhamento de conteúdo poético) resulte em sensações semelhantes ou não a aquelas percebidas presencialmente.

O trabalho não tem como foco apresentar novos conceitos, mas de reaplicá-los sob os novos acontecimentos culturais que envolvem o homem e a fala dentro de uma comunidade, mas que na contemporaneidade, se re-configura com uma maior utilização da escrita, em um espaço isolado existente no ambiente virtual, no que se refere a propagação de textos poéticos. Vale ressaltar que, aqui me refiro ao conceito de poesia defendido por Zumthor (2007, p. 12) como sendo “uma arte da linguagem humana, independente de seus modos de concretização”.

Com esse pensamento consigo visualizar a possibilidade de re-leituras sobre outros conceitos chaves que estão intrínsecos no modo de vida das pessoas, que estão presentes nessa atual formatação social encontrada nas redes sociais e que podem ser escolhidos para a especificidade dessa pesquisa.

O primeiro ponto seria uma revisitação aos conceitos trabalhados e repassados sobre o que são culturas; entendo como importante iniciar o futuro projeto por uma leitura antropológica e/ou sociológica sobre essa palavra, principalmente no que se refere aos estudos que trabalham sobre a valorização simbólica dos objetos (GEERTZ, 1989 e THOMPSON, 1995) até chegarmos às concepções dos estudos culturais defendidos na pós-modernidade. Autores como Bauman (2003), Santaella (2003) estão contribuindo para uma atualização de conceitos para formatação social que envolve a coletividade denominada de comunidades virtuais.

O termo globalização seria o segundo ponto passível de desdobramento; Milton Santos (2011) traz reflexões importantes sobre a unificação de discursos, sem revelar as particularidades de cada grupo que nos permitiria sair do pensar previsivelmente para o pensar coletivamente.

Nessa linha, se faz necessário também um olhar mais aprofundado para a palavra identidade. Hall (2011, p. 7) descreve que: “as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.” E, ainda acrescenta (2011, p. 13): “esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tento uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.”

Coloco o sujeito em questão, aquele que se apropria desse material poético como “a geração atual” que mantém relações interpessoais amparadas pelos recursos tecnológicos; trocam esse tipo de conteúdo poético em substituição do contato presencial sustentado pela oralidade, implicando dessa forma, em novos modos de vida substanciados por uma cultura midiática (Santaella, 2003). As instituições simbólicas marcariam presença na nova empregabilidade de sentidos nas relações que envolvem performances e recepções em um ambiente virtual e as instituições culturais estariam envolvidas na utilização de um novo espaço de convivência agregadas a ritos e práticas semelhantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estabelecimento da linguagem humana se tem uma gama de articulações dotadas de significações nas quais, a desconstrução de conceitos e a re-alocação dos signos resulta em novos saberes; a desconstrução concede a possibilidade de criação de novos sentidos.

Ao compreender o homem como produto e não mais como produtor de significados tem-se a oportunidade de não apenas criticar a realidade da linguagem, mas através de um pensamento mais profundo emergir os sentidos que estão no entre-lugar do simbólico, na casa vazia. Um lugar onde a mobilidade dos objetos que se configura em encontros e desencontros, em um paradoxo que impulsiona ao não-sentido, a uma espécie de metade que não se completa, mas que permite reflexões para entender o simbólico.

Com essas considerações, a problematização que envolve o anteprojeto se reporta a condição do sujeito do enunciado científico que passa enfim, pelo processo de subjetivação, rizomático, que tem a possibilidade de re-significar as coisas ou exercer um olhar simbólico como forma de politização da natureza observada. Situar-se frente às inquietações do tema, aos deslocamentos para realizar perguntas sobre o processo de esvaziamento se configura como as rupturas do concreto.

Munido desses conceitos, ao se falar em contatos nas redes sociais virtuais, o que vale é eleger uma cena foco que dialoga com o material que estiver discorrendo e propor um enlace concentrado

na busca pelo preenchimento das lacunas abertas pelas palavras apresentadas. A partir do momento em que a proposta da pesquisa impulsiona para a saída da zona de conforto é possível enfim enxergar ou mesmo questionar a construção de outros saberes. São passíveis de observação, os sujeitos que imperam sentidos fixados, mas que podem ser esvaziados; que aquilo que é construído pela linguagem humana e é portadora de sentido pode ser desorganizado e re-montado.

Assim, todo esse trabalho visará na desconstrução do inconsciente, de como desconectá-lo do real (e das outras noções), já que ao levantar as posicionalidades, as multiplicidades e colocar o pensamento em movimento será possível desmontar os dispositivos do texto, a fim de desmontar também os dispositivos de poder nele existente. O anteprojeto proposto não se revela como algo inexistente; o que lhe proporcionará ares para reflexões atualizadas no pós-crítica será o de ângulo de leitura empregado ao indivíduo apontado, para extrair dele concepções pós-modernas das linguagens que se desenvolvem com a sociedade.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícios Nicastro. Chapecó: Argos, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa. Por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 13-41.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.
- SANTOS, MILTON. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 20 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011,
- THOMPSON, John B. Capítulo III. O conceito de cultura In: *Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 163-215.

